

CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NA MODA: UMA ANÁLISE DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR.

Renata Elen Lima Garcia¹
Marcela Silveira Xavier²
Crisrayanne Viana de Menezes³
Antônio Everton Barbosa dos Santos⁴

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo explorar como a moda reflete e influencia as mudanças sociais e os meios de expressão dos alunos do movimento LGBTQI+ no Centro de Excelência Dom Luciano José Cabral de Aracaju/SE, dentro de uma análise sobre o gênero. Sendo uma parceria entre estudantes do curso de Ciências Sociais da UFS e o Grupo de Pesquisa Júnior DomTec Moda e Cidade, vinculado ao colégio. Diante disso, há um aprofundamento de como a moda surge como meio de expressão em que a indumentária se torna uma forma de construção de identidade, ainda que enfrentem restrições e possíveis sanções escolares, principalmente na questão de gênero. A metodologia empregada envolve o método história oral entre os alunos do Dom Luciano, em seguida com um aperfeiçoamento em entrevista gravada e transcrita. Assim, consideramos que este estudo contribui para resolver a falta de discussão sobre gênero e moda dentro do colégio estadual de Sergipe, em busca de conscientizar os alunos envolvidos nos debates direcionados pelos pesquisadores. Além disso, nossa finalidade é aumentar nossa compreensão e confrontar os estigmas que carregamos desde de muito tempo promovendo mudanças positivas em nosso ambiente escolar.

Palavras-chave: Moda, gênero, escolar, indumentária, normas.

INTRODUÇÃO

Este artigo intitulado de “Construção de identidades na moda: Uma análise de gênero no ambiente escolar”, possui o objetivo de entender a moda como uma forma de expressão e construção de identidade entre estudantes LGBTQI+ no Centro de Excelência Dom Luciano José Cabral, em Aracaju/SE, considerando a importância da indumentária⁵ sob análise de gênero. Fundamentado em teorias de autores como Clifford Geertz, Georg Simmel, Judith Butler, Simone de Beauvoir etc, o artigo analisa como a vestimenta opera como um meio de comunicação não-verbal, possibilitando que os indivíduos se expressem no ambiente escolar. Dessa forma, Geertz e Simmel sugerem que a moda é

¹Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe - UFS-SE, renataelgarcia@gmail.com

² Estudante do 3 ano do Centro de Excelência Dom Luciano José Cabral - SE, Xaviermarcela47@gmail.com

³ Estudante do 3 ano do Centro de Excelência Dom Luciano José Cabral - SE, vcrisrayanne@gmail.com

⁴ Professor orientador: Licenciado em História na Universidade Federal de Sergipe – UFS-SE, professorantonioeverton@gmail.com

⁵ A indumentária inclui roupas, acessórios e adornos usados de acordo com normas sociais, culturais, estéticas e funcionais. Na moda, é fundamental para a auto expressão, identidade e comunicação visual.

uma “teia de significados”, em que a cultura e o comportamento se entrelaçam. Enquanto Butler e Beauvoir, por sua vez, questionam as normas de gênero e enfatizam a construção social, propondo que o gênero é continuamente performado por meio de ações e escolhas, como o vestuário.

Diante disso, este estudo é uma pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa Júnior DomTec Moda e Cidade e uma estudante do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe (UFS), utilizando o método de história oral, com entrevistas gravadas e transcritas, para analisar as vivências dos entrevistados. Dessa maneira, os alunos que fazem parte do grupo de pesquisa coletaram relatos de estudantes LGBTQI+ que compartilharam suas percepções e experiências sobre o uso da moda como expressão de suas identidades em um ambiente escolar que impõe normas de vestimenta. Além disso, a pesquisa emerge da escassez de discussões aprofundadas sobre gênero e moda dentro do Centro de Excelência Dom Luciano e da necessidade de incentivar uma reflexão mais inclusiva que permita aos alunos vivenciar e expressar suas identidades de forma autêntica.

Sendo assim, nas entrevistas, emergiram duas categorias principais: a “expressão de identidade e estilo” e a “conformidade e resistência às normas”, demonstrando que os estudantes utilizam a moda para comunicar quem são e resistir aos padrões impostos. Embora haja pressão para se adaptar às normas de vestimenta, muitos estudantes buscaram incorporar elementos únicos ao seu estilo, desafiando, mesmo que sutilmente, as regras e estigmas associados à expressão de gênero. Os resultados indicam que a moda, para esses jovens, é um espaço de resistência, o qual a indumentária é escolhida para refletir sua autenticidade, ao mesmo tempo em que enfrentam possíveis repreensões. Por meio dessa resistência, os estudantes entrevistados demonstram sua vontade de permanecer fiéis a si mesmos, transformando o ambiente escolar em um local de afirmação identitária. Conclui-se que a moda é uma prática cultural de relevância significativa para esses estudantes, servindo tanto como um meio de adaptação quanto como uma forma de contestação às expectativas sociais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de aprofundar sobre gênero e debater dentro do grupo de pesquisa DOMTEC Moda e Cidade no Centro de Excelência Dom Luciano, é preciso expor sobre a cultura e identidade. Existem diversas definições para o termo cultura e todas envolvem um sistema de padrão de comportamento, seja no modo de vida e organização social,

econômico, política e religiosa. Dessa maneira, o comportamento se torna um aspecto fundamental para pensar na formação de uma cultura, incluindo na moda a qual é um meio de espelhar o costume de cada sociedade. É notório esse fato quando Geertz (1976) defende essa definição de cultura em “A interpretação das Culturas”, a qual explica que a cultura não é uma ciência à procura de leis, mas uma ciência interpretativa, à procura de significado. Nesse sentido, o autor se inspira partindo da ideia de Max Weber, que o homem vive amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assim Geertz (1976) afirma que a cultura são essas teias. Assim as linhas dessas redes são os comportamentos, uma vez que desempenham um padrão de vida decorrente das relações que mantêm umas com as outras.

Assim, para entender a moda como cultura e sua conexão com o comportamento, é crucial observar como o vestuário e suas regras moldam a vida do indivíduo. Portanto, compreendemos a moda como um componente dessas redes de significado, considerando que o mundo da moda, suas roupas e sua indústria também moldam um estilo de comportamento, aparência e personalidade. Georg Simmel (2008, p.) esclarece esse ponto entre comportamento e vestimenta na cultura ao detectar que o dualismo entre a necessidade de imitação e a manifestação de uma singularidade é a principal fonte da moda. Uma vez que ele afirma: “A moda é uma forma particular entre muitas formas de vida, graças à qual a tendência para a igualização social se une à tendência para a diferença e a diversidade individuais num agir unitário” (SIMMEL, 2008, p.24).

Ainda mais que a ligação entre o vestuário e a cultura possibilita que os significados sejam interpretados na interação social, expondo elementos do comportamento e dos gostos estéticos de cada pessoa. Logo, a moda permite a manifestação da identidade e estilo de cada pessoa ao fornecer um canal de comunicação não verbal, onde as escolhas de vestimenta refletem quem são, seus gostos e valores, permitindo assim o debate sobre construção da identidade de gênero.

Nesse viés, é necessário olhar para o passado para entender como há normas rígidas sobre como homens e mulheres devem se vestir na sociedade. Segundo Lerner (1987) no livro “A criação do patriarcado”, antes do estabelecimento desse sistema, muitas sociedades eram matrilineares⁶, a qual a linhagem e a herança eram transmitidas através das mulheres. Assim, a função feminina não é apenas na reprodução, mas também na economia e na religião. A partir disso, Lerner discute como a estrutura familiar mudou

⁶ Classificação ou organização de um povo, grupo populacional, família, clã ou linhagem em que a descendência é contada em linha maternal.

com o patriarcado, a família passou a ser definida como escravos domésticos pelo senhor ou chefe (o homem) e a mulher passou a ser vista, como esposa e mãe, com seu papel social restrito ao espaço doméstico. Conforme Engels (1884), argumenta que a estrutura familiar evoluiu ao longo do tempo, passando por várias formas, desde a família consanguínea até a família monogâmica.

Além disso, o surgimento da propriedade privada trouxe a necessidade de o chefe dos escravos domésticos assegurar a herança levou ao controle da reprodução e da sexualidade das mulheres. Assim, a identidade feminina se tornou uma privatização medida que os homens começaram a acumular riqueza, tornou-se necessário garantir que seus herdeiros legítimos recebessem essa riqueza. Isso levou ao controle das mulheres e à instituição do casamento monogâmico, onde a fidelidade feminina era essencial para assegurar a paternidade. Lerner (1987) explica que todo esse processo de implementação do sistema patriarcal se passa no começo da idade média, a qual é notório as mulheres desafiando essas normas, só que a Igreja age para manter esse sistema, que é atualmente conhecido como caça às bruxas.

Sendo assim, percebe-se como o gênero não é uma característica inata ou biologicamente determinada, mas sim uma construção social e cultural que é continuamente performada através de atos repetitivos. Em outras palavras, o gênero é algo que fazemos, não algo que já somos. Judith Butler (2018) confirma com esse fato ao complementar a visão de Engels (1884) e Lerner (1987) em que as normas de gênero são construídas e mantidas para reforçar essas estruturas de poder do sistema patriarcal. Afinal, o conceito de performance, de acordo com Butler (2018), é a partir do momento em que uma pessoa se caracteriza de maneira que é culturalmente associada ao gênero feminino ou masculino. Assim, esse indivíduo está performando seu gênero, caso esteja se vestindo da forma que não é esperado pela sociedade, será oprimido de diversas maneiras.

De maneira semelhante, Beauvoir (2008) entende que a mulher é vista como um mistério na cultura dominada por homens. Como já vem sendo notado, as mulheres estão sendo ensinadas sobre seus papéis para que os homens possam se manter dominantes. Beauvoir (2008) discorda dessa definição popular ao afirmar “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Esta frase é contrária à visão patriarcal ao desafiar a ideia de que a mulher é inerentemente frágil e incapaz de se envolver em assuntos masculinos, ou que deve se vestir de forma a parecer delicada e/ou sexualizada. Ou seja, Beauvoir (2008) argumenta que a mulher não nasce com uma essência definida, ela se torna quem é através da

educação e escolhas. Da mesma forma, Butler (2019) no conceito de performance, afirma que a sociedade impõe o que a mulher deve ser, como deve agir e, principalmente, como deve se vestir, justificando que essa identidade é inata.

Afim de ilustrar o que foi anteriormente dito, Beauvoir (2019) utiliza uma comparação entre uma menina e uma boneca para ilustrar essa questão, enfatizando que esse brinquedo atua como um meio de identificação. De acordo com uma escritora, a garota aprende a se ver como um ser passivo, sendo constantemente manipulada, despida, arrumada e envaidecida, sem ter autonomia nas escolhas. A boneca, conhecida pela sua subserviência, tem a função de ser despida, ouvir os segredos de sua dona, confortá-la e permanecer em casa enquanto a dona está na escola. Quando cresce, a mulher vive uma situação semelhante à da boneca; espera-se que ela escute as queixas alheias, cativa seu marido com sua aparência e esteja sempre à espera dele em casa. Tanto uma mulher de carne quanto uma boneca de plástico são consideradas meros acessórios. Assim, como as mulheres tendem a se adequar aos padrões definidos pelos homens, sob a influência da pressão das práticas de beleza, alimentação e moda, que perpetuam a objetificação feminina, mesmo que essa objetificação não seja evidente nas relações reais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A metodologia utilizada na pesquisa foi o método história oral, tal objetivo de coletar relatos pessoais e subjetivos de experiências vividas no Centro de Excelência Dom Luciano. A partir de entrevistas gravadas e transcritas, como técnica, os estudantes partilham suas histórias, memórias e percepções sobre questões de estilo, identidade e expectativa de gênero. Dessa maneira, o público alvo foi estudantes que fazem parte do movimento LGBTQI+, levantando questionamentos como é o tipo de vestimenta usado no dia a dia, como o indivíduo avalia a reação das pessoas ao seu redor em relação a sua indumentária, entres outros para compreender a complexidade e diversidades das experiências. Cada aluno integrante do grupo de pesquisa DomTec Moda e Cidade, entrevistou cerca de 2 pessoas, totalizando 10 estudantes. Os entrevistadores receberam orientação para assegurar o anonimato dos participantes, garantindo que as gravações e transcrições fossem confidenciais.

Dessa forma, as entrevistas permitiram categorizar as respostas em duas principais dimensões analíticas: expressão de identidade e estilo, conformidade e resistência as normas. Estas categorias estruturam a compreensão das maneiras pelas

quais os estudantes vivenciam e atribuem significado à moda em suas trajetórias escolares.

1. Expressão de identidade e estilo:

A análise das entrevistas revela que os alunos do Centro de Excelência Dom Luciano José Cabral enxergam a moda como um meio fundamental para expressar sua identidade e estilo, mesmo dentro das limitações impostas pelo ambiente escolar. As escolhas estéticas de acessórios, cores e peças de roupa não são apenas preferências, mas sim formas de comunicação que conectam os alunos a sua individualidade e comunidade. Por exemplo, entrevistado Y utiliza elementos específicos do vestuário para reforçar sua identidade. Ele afirma: “Se for para destacar o meu estilo, uso calça preta, meu tênis preto e finalizo meu cabelo” (Entrevistado Y em entrevista, 2024). Observa-se por Geertz (1976), a cultura é composta por “teias de significados” que os indivíduos tecem, e no contexto escolar, essas teias se manifestam por meio de escolhas de vestuário que refletem a busca por singularidade em um ambiente de normatividade.

Dessa forma, a maioria dos entrevistados relatam em usar colar, brincos, pulseiras para se destacarem além do uniforme, refletindo uma tentativa de personalizar a vestimenta padronizada e, assim, expor sua identidade no contexto da escola. O qual se encaixa com o que Simmel (2008) afirma, sobre como o dualismo na moda se configura pela necessidade de imitação e o desejo de diferenciação. Por outro lado, houve uma entrevista X que enfatizou seus acessórios como algo importantes para ela, apesar de ter gerado comentários de terceiros, o que impacta como ela percebe sua própria expressão. Percebe-se ao ser questionado a entrevistada X se ela precisou modificar seu estilo de vestir e o entrevistador obteve a seguinte resposta: “Não não, porque eu sempre recebo comentários falando o que eu não sou” (Entrevistada X em entrevista, 2024). Sendo assim, a indumentária para os entrevistados não é meramente um ato de vestir, e sim uma declaração de quem são e como desejam ser vistos. Eles estão, de maneira consciente ou inconsciente, participando de uma prática cultural que reflete a construção de suas identidades.

2. Conformidade e resistência às normas.

Este tópico intitulado de “conformidade e resistência às normas” emergiu durante o debate dentro do grupo de pesquisa DomTec Moda e cidade ao analisar as entrevistas, uma vez que evidencia como os estudantes enfrentam e reinterpretam as

restrições de moda impostas no ambiente escolar. Essas normas influenciam tanto suas escolhas pessoais quanto a percepção de sua identidade, com respostas que variam entre a aceitação e o questionamento das regras instituídas. Assim como Butler (2018) afirma que o gênero e, por extensão, o estilo pessoal são performados continuamente, de modo que qualquer desvio da norma pode desencadear julgamentos e represálias. Nesse viés, os relatos dos entrevistados revelam suas estratégias para afirmar a individualidade em meio a essas pressões.

Dessa maneira, a entrevistada U ao comentar sobre a receptividade do seu estilo, relata: “Sempre recebo comentários falando o que eu não sou” (Entrevistada U em entrevista, 2024). Essa afirmação indica como as normas de vestuário reforçam estereótipos de gênero, que, conforme exposto por Beauvoir (2008), moldam as expectativas sobre como mulheres e homens devem se vestir para serem vistos de acordo com suas identidades sociais. Para a entrevistada U, a insistência em questionar sua identidade com base em sua aparência revela uma tentativa do grupo social de impor um padrão de conformidade que desafia seu desejo de autenticidade.

Além disso, é notório a maioria das respostas dos entrevistados sobre a uniformidade das roupas escolares representa uma barreira para a expressão pessoal dos estudantes, o que cria uma dinâmica de resistência sutil. A resistência a essas normas se torna ainda mais evidente em situações em que a violação das regras de vestuário resulta em sanções. Por exemplo, a entrevistada X menciona que os casos em que pessoas foram punidas por usar tops ou calçados que são considerados inapropriados pela escola. A partir, a reação dos estudantes à falta de receptividade em relação aos estilos que escolhem revela a resistência, uma vez que eles mantêm suas preferências, ainda que com ajustes.

Diante disso, uma entrevista atraiu atenção da maioria do grupo de pesquisa DomTec, a qual é necessário destacar neste presente artigo. Houve uma entrevista com J que aprofunda no entendimento de como os estudantes do Centro de Excelência Dom Luciano enfrentam as normas de vestuário no ambiente escolar. As respostas do entrevistado J destacam como ele lida com as expectativas impostas, explorando meios de expressão pessoal que, apesar de sutis, são contrárias aos padrões estabelecidos. O entrevistado J compartilha respostas como: "Eu tento usar uma camiseta que tenha um desenho ou algo que seja mais eu, mesmo que às vezes digam que não pode" (Entrevistado J em entrevista, 2024). Além disso, Jovi menciona que a coordenação da escola, muitas vezes, é seletiva e, segundo ele, "parece que só chamam a atenção de quem eles acham que tá querendo chamar atenção" (Entrevistado J em entrevista, 2024). Dessa forma,

percebe-se uma inconsistência na aplicação das normas e reflete a perspectiva de Beauvoir (2008), que discute como a sociedade molda expectativas sobre os indivíduos com base em aparências, principalmente na pauta de gênero, resultando em uma pressão para que a aparência se conforme às normas sociais.

Em um momento da entrevista, o entrevistado J reflete sobre o impacto de ser rotulado devido às suas escolhas de moda, observando que “muitos professores acham que só porque eu uso certas coisas, eu sou rebelde” (Entrevistado J em entrevista, 2024). Nesse viés, esse comentário é significativo para entender como os códigos de vestimenta transcendem o simples ato de se vestir, refletindo percepções sociais e preconceitos que afetam a forma como os indivíduos são vistos e tratados. Assim, o ambiente escolar emerge como um espaço de constante negociação entre a individualidade dos alunos e as normas institucionais, um conflito que revela a moda como uma prática de resistência e, ao mesmo tempo, de conformidade. Dessa maneira, a moda, nas entrevistas citadas nesse tópico e no anterior, atua como um campo onde os estudantes exploram e afirmam suas identidades. Apesar de mesmo quando provocados a seguir padrões preestabelecidos que, segundo o referencial teórico, refletem estruturas mais amplas de controle social e de gênero.

Portanto, é notório como cada pessoa tem o potencial de definir sua própria identidade de gênero com infinitas possibilidades de expressão. Assim, em vez de policiar essas expressões, segundo Butler (2018), é fundamental promover uma educação de gênero que permita uma liberdade de performance. Isso possibilita que os indivíduos explorem diversas áreas de interesse e expressem suas identidades sem pressão para se conformar a um caminho específico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões e análises realizadas no grupo de pesquisa DomTec Moda e Cidade no Centro de Excelência Dom Luciano José Cabral, sobre a moda como expressão de identidade de gênero no contexto escolar que os alunos grupo convivem. Conclui-se que a indumentária se destaca como um elemento na construção e afirmação do perfil entre os estudantes LGBTQI+. O ambiente escolar, com o Dom Luciano, ao impor normas de vestimenta, frequentemente limita essas expressões, entretanto incentiva práticas sutis de resistência, nas quais os estudantes buscam manter sua autenticidade. A moda, portanto, emerge como uma prática cultural, que simultaneamente permite adaptação e contestação às normas sociais e de gênero estabelecidas.

Além de trazer um debate sobre a necessidade de flexibilizar as normas de vestimenta para fomentar um espaço escolar mais inclusivo, as entrevistas da pesquisa reforçam a importância de uma educação que valorize a diversidade de identidades. Esta abertura seria um passo para reduzir o preconceito e proporcionar um ambiente onde todos possam expressar-se sem medo de sanções. Dessa forma, este estudo contribui empiricamente para a comunidade acadêmica ao evidenciar que a moda no contexto escolar é uma prática que se insere em uma teia complexa de significados, em que a necessidade de expressão pessoal colide com normas de gênero.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, como autora deste artigo e em nome dos demais estudantes do grupo de pesquisa DomTec Moda e Cidade, aos professores Antônio Everton e Antônio Hamilton, do Centro de Excelência Dom Luciano José Cabral. Somos profundamente gratos pelo apoio constante dos professores, pelo incentivo e pela confiança que depositaram em nós, permitindo que esta pesquisa nas Ciências Sociais sobre moda se tornasse realidade.

REFERÊNCIAS

GEERTZ, Clifford James. A interpretação da Cultura. In: **Uma Descrição Densa: Por uma teoria interpretativa da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar Editoriais, 1978.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições Texto & Grafia Ltda, 2008.

ALVES, Larissa Molina. **Moda, cultura e comunicação: um diálogo entre comportamento, corpo e expressão**. In: Anais do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

PEREIRA, Camila Konradt. **Identificações no sentido da moda: uma leitura do espaço urbano**. In: Anais do Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter, Porto Alegre, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Cap. 1, "Sujeitos do sexo/gênero/desejo". p. 1-50.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. Tradução de Renate L. C. C. L. Figueiredo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução de Leandro Konder. 12. ed. São Paulo: Boitempo, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Herculano Villas-Boas. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.